

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA PÚBLICA: UMA INTERVENÇÃO A PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA

BODY PRACTICES OF ADVENTURE IN PUBLIC SCHOOL: AN INTERVENTION BASED ON A CRITICAL-OVERCOMING APPROACH

PRÁCTICAS CORPORALES DE AVENTURA EN LA ESCUELA PÚBLICA: UNA INTERVENCIÓN BASADA EN UN ENFOQUE DE SUPERACIÓN CRÍTICA



10.56238/revgeov17n3-164

Victória Felicia Gualberto de Lima Silva

E-mail: victoriaafeliciaa@gmail.com

ORCID: 0009-0009-1398-1614

Rosangela Celly Branco Lindoso

E-mail: rosangela.lindoso@ufrpe

ORCID: 0000-0003-0534-9474

Bruna Patrícia Ramos de Souza

E-mail: brunapatriciar@gmail.com

ORCID: 0009-0001-9030-1004

Larissa Maria Lira Aires

E-mail: larissa.mla96@gmail.com

ORCID: 0009-0007-3064-181X

Lucélia Cintia Cardoso Feliciano

E-mail: cintiacardosofeli@gmail.com

ORCID:0000-0003-0534-9474

Antonino Fernandes da Silva Junior

E-mail: karrera.esporte@gmail.com

ORCID: 0009-0000-2210-0502

Ana Karina Andrade Lima Botelho

E-mail: botelhocarina@hotmail.com

ORCID: 0009-0007-2645-4376

RESUMO

O presente estudo analisa as Práticas Corporais de Aventura como conteúdo da Educação Física escolar, fundamentando-se na Abordagem Crítico-Superadora e na Pedagogia Histórico-Crítica. A pesquisa, de natureza qualitativa e desenvolvida por meio da pesquisa-ação, foi realizada com uma turma do 9º ano de uma escola pública localizada no município de Tibau do Sul (RN). A intervenção



pedagógica, com duração de sete semanas e 16 aulas, contemplou conteúdos teóricos e práticos relacionados ao slackline, surf (balance board) e trilha. Os resultados indicaram que os alunos evoluíram de um conhecimento inicial fragmentado para uma compreensão mais estruturada e crítica sobre as práticas corporais de aventura, ampliando seu repertório cultural, desenvolvendo habilidades motoras e fortalecendo valores como cooperação, superação e preservação ambiental. O estudo conclui que a inclusão dessas práticas no currículo contribui para uma formação integral, articulando vivência corporal, consciência ambiental e reflexão sociocultural, apesar dos desafios estruturais enfrentados no contexto escolar.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura. Educação Física Escolar. Abordagem Crítico-Superadora. Pedagogia Histórico-Crítica. Slackline.

ABSTRACT

This study analyzes Adventure Physical Practices as part of the school Physical Education curriculum, grounded in the Critical-Surpassing Approach and Historical-Critical Pedagogy. The qualitative research, developed through action research, was carried out with a 9th-grade class from a public school in Tibau do Sul, Rio Grande do Norte, Brazil. The seven-week, 16-lesson pedagogical intervention combined theoretical and practical activities involving slackline, surfing (balance board), and hiking. Results show that students progressed from an initial fragmented understanding to a more structured and critical comprehension of adventure physical practices, expanding their cultural repertoire, developing motor skills, and strengthening values such as cooperation, perseverance, and environmental preservation. The study concludes that including these practices in the curriculum fosters comprehensive student development by integrating bodily experiences, environmental awareness, and sociocultural reflection, despite structural challenges in the school context.

Keywords: Adventure Physical Practices. School Physical Education. Critical-Surpassing Approach. Historical-Critical Pedagogy. Slackline.

RESUMEN

Este estudio analiza las prácticas corporales de aventura como contenido de la Educación Física escolar, basándose en el Enfoque Crítico-Superador y la Pedagogía Histórico-Crítica. La investigación, de carácter cualitativo y desarrollada mediante investigación-acción, se llevó a cabo con una clase de 9.º grado de una escuela pública ubicada en el municipio de Tibau do Sul (RN). La intervención pedagógica, de siete semanas de duración y 16 clases, incluyó contenidos teóricos y prácticos relacionados con el slacklining, el surf (balance board) y el senderismo. Los resultados indicaron que los estudiantes evolucionaron desde un conocimiento inicial fragmentado hacia una comprensión más estructurada y crítica de las prácticas corporales de aventura, ampliando su repertorio cultural, desarrollando habilidades motrices y fortaleciendo valores como la cooperación, la superación de desafíos y la preservación del medio ambiente. El estudio concluye que la inclusión de estas prácticas en el currículo contribuye a una educación integral, articulando la experiencia corporal, la conciencia ambiental y la reflexión sociocultural, a pesar de los desafíos estructurales que se presentan en el contexto escolar.

Palabras clave: Prácticas Corporales de Aventura. Educación Física Escolar. Enfoque Crítico-Superador. Pedagogía Histórico-Crítica. Slackline.



1 INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura vêm ganhando espaço na Educação Física escolar, sendo reconhecidos como uma Unidade Temática recomendada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Seu crescente desenvolvimento, tanto em ambientes urbanos quanto naturais, tem ampliado as possibilidades de ensino e aprendizagem dentro da escola. Ao mesmo tempo, essas práticas apresentam um potencial significativo para diversificar as experiências corporais dos alunos, promovendo desafios, superação e contato com a natureza.

Fensterseifer e Silva (2011, p. 120), em concordância com Bracht (1999), afirmam que “[...]seria papel da Educação Física problematizar a prática e teoricamente a cultura corporal de movimento”. Nesse sentido, a Educação Física escolar deve não apenas ensinar técnicas e regras, mas também proporcionar reflexões críticas sobre a relação do ser humano com seu corpo, com o meio ambiente e com as diferentes manifestações culturais.

As Práticas Corporais de Aventura surgiram na década de 1970, impulsionados em parte pela necessidade do homem moderno de se reconectar com a natureza e também pela busca de novas experiências de lazer. Masseto e Moretti (2013) relatam que, ao longo da história, a humanidade sempre esteve em contato com a natureza. No entanto, com o crescimento das cidades e a urbanização acelerada, essa relação foi se tornando cada vez mais distante.

“Afastadas dos ambientes naturais, as pessoas são levadas a buscar alternativas, principalmente para o tempo livre. A busca por atividades de lazer explica, em parte, o interesse cada vez maior do homem por atividades que promovam aventura, inovação e desafio, e, em certa medida, imprevisto.” (Masseto; Moretti, 2013, p. 40).

Diante desse cenário, o presente estudo busca responder à seguinte questão: Como tratar as Práticas Corporais de Aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física escolar? Assim, propõe-se investigar essa temática dentro do ensino fundamental em uma escola pública, com base na metodologia da pesquisa-ação, estabelecendo relações entre as Práticas Corporais de aventura e o contexto social dos alunos.

O objetivo geral deste estudo é analisar as Práticas Corporais de Aventura enquanto conteúdo de ensino da Educação Física escolar, a partir da aplicação de uma Unidade Didática sobre as Práticas Corporais de Aventura com uma turma do 9º ano de uma escola pública.

A escola em questão está localizada em Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte, a aproximadamente 10 km de algumas das praias mais belas da região, como Praia de Tibau do Sul, Praia do Madeiro, Praia da Pipa e Praia do Amor. Além disso, encontra-se a 12 km de uma reserva de Mata Atlântica, conhecida como Santuário Ecológico da Pipa. Apesar da proximidade, muitos alunos não têm acesso a esses ambientes naturais e, conseqüentemente, não vivenciam experiências corporais nesse contexto.



No município, há uma grande variedade de Práticas Corporais de Aventura de aventura, como surf, asa delta, kitesurf, ciclismo, trilhas, tirolesa e slackline. No entanto, essas práticas são pouco exploradas nas aulas de Educação Física. Dessa forma, a inclusão desse conteúdo no ambiente escolar pode contribuir para ampliar o repertório cultural dos alunos, aproximando-os da realidade local e proporcionando vivências significativas que envolvam desafios motores, contato com a natureza e compreensão das relações.

2 AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

É difícil determinar uma cronologia precisa de eventos e fatos que marquem a origem das práticas de aventura, uma vez que essas atividades têm acompanhado o próprio desenvolvimento da humanidade. Sabe-se que, desde tempos remotos, os seres humanos já estavam presentes em cavernas, faziam travessias de montanhas, realizavam explorações e outras conquistas (Franco, Cavasini e Darido, 2014).

De acordo com Souza e Araújo (2016) as práticas corporais de aventura, como conhecemos hoje, já são realizadas há muito tempo, a prática dessas atividades no ambiente natural, ainda selvagem, sendo nos meios aquáticos, terrestres ou aéreos, é descrita desde o século XIX e foi reconhecida como práticas de lazer por volta da década de 1970.

Bungenstab et al., (2017, p.32) com base em Inácio et al. (2016), define as práticas corporais de aventura como sendo “realizadas distante dos centros urbanos, com risco controlado, com o objetivo de estabelecer outra relação com a natureza e com a lógica mercadológica e tecnicista da vida”.

O homem tem buscado praticar atividades em contato com a natureza, essas práticas foram se desenvolvendo e dando origem as Práticas Corporais de Aventura. As práticas corporais de aventura na escola são uma forma de valorização de uma temática em ascensão social, pois nos dias atuais essas atividades são praticadas por crianças, jovens e adultos em diversos espaços. (França e Domingos, 2023, p. 81).

Além do contato com a natureza, o homem buscou a realização dessas sensações despertadas durante e após a prática dessas atividades, essas sensações ocorrem com a liberação de hormônios como a adrenalina, serotonina e endorfina.

É importante tratar os conteúdos da Educação Física a partir da sua parte histórica e social, sendo também necessário renovar os conteúdos da Educação Física para torná-los relevantes e significativos para os alunos.



“Os conteúdos dessa cultura, se por um lado, cumprem o papel de transmitir uma tradição de práticas corporais construída historicamente na área e fazer com que os alunos se apropriem e se enriqueçam com ele, por outro lado, devem ser renovados para que sejam atuais e significativos aos alunos porque contextualizados em seu meio e munidos dos códigos e linguagens dos grupos nos quais foram gerados e vem sendo vividos” (Armbrust e Silva, 2007, p. 287).

As primeiras práticas corporais de aventuras conhecidas na história foram chamadas de esportes para adultos, dentre esses esportes estavam: skydiving, surfe, montanhismo, paraquedismo, trekking, alpinismo, ciclismo de montanha e paintball.

Para o autor Betrán (2003) os esportes de aventura ou práticas corporais foram divididos em três grandes meios: terra, ar e água. As práticas corporais de aventura incluem atividades realizadas em diferentes meios, como terra (exemplo: skate, snowboard, mountain bike, esqui acrobático, escalada livre), água (exemplo: surf, hidrospeed, rafting, descida de barrancos) e ar (exemplo: rope swing, queda livre, asa delta, parapente).

Essas práticas podem ser descritas por diversas nomenclaturas. Betrán (2003) utiliza o termo “atividade física de aventura na natureza”, enquanto Marinho (2008) propõe a expressão “atividades na natureza”. Independentemente do termo empregado, as definições convergem para a ideia de que essas práticas ocorrem em ambientes naturais (sejam terrestres, aquáticos ou aéreos) ou em espaços urbanos adaptados, distinguindo-se das práticas corporais tradicionais pelos seus objetivos específicos e o contato direto com o ambiente.

Segundo Cantorani e Pilař (2005), ao longo da história da humanidade, emoções intensas. No entanto, essas atividades não podem ser classificadas como esportes de aventura, pois não eram realizadas com o mesmo propósito ou significado que atribuímos a essas práticas nos dias atuais.

Dentre as diversas terminologias que abordam essa temática na escola, resolvemos adotar a nomenclatura Práticas Corporais de Aventura, pois a partir dessas Práticas podemos compreender que no decorrer da história a humanidade construiu técnicas e equipamentos com a finalidade de superar obstáculos naturais e essa evolução serve como base para as aventuras realizadas hoje em dia, e ainda encontramos uma maior possibilidade de atividades para a construção da nossa sequência didática.

O documento que norteia o currículo do estado do Rio Grande do Norte é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018). Nele, a temática Práticas Corporais de Aventura é incluída com o foco no desenvolvimento de competências voltadas para a vivência, a segurança e a consciência ambiental dessas práticas. As habilidades previstas incluem:

EF09EF12: Vivenciar e fruir as práticas corporais de aventura, identificando suas principais características e analisando os benefícios, desafios, riscos e cuidados necessários, promovendo a consciência de segurança pessoal e coletiva.



EF09EF13: Relacionar as práticas corporais de aventura às questões socioculturais e ambientais, reconhecendo sua relevância para a preservação do meio ambiente e a valorização da diversidade cultural.

EF09EF14: Planejar e participar de experiências corporais de aventura, considerando as especificidades dos espaços naturais e urbanos, respeitando normas de segurança e aspectos éticos.

Embora a BNCC (2018) mencione aspectos relevantes como vivência, segurança e impacto ambiental, ela falha em aprofundar uma perspectiva crítica que relaciona essas práticas com questões sociais, políticas e culturais mais amplas. De acordo com Bracht (1992), a educação física escolar deve buscar a formação integral dos alunos, relacionando os conteúdos às suas realidades sociais e aos desafios do mundo contemporâneo. Essa abordagem é fundamental para que os estudantes não apenas experimentem as práticas corporais de aventura, mas também compreendam o contexto em que estão inseridas.

Ao propor habilidades como "vivenciar e discutir práticas corporais de aventura considerando seus benefícios, os cuidados necessários e os possíveis impactos ambientais", o documento se limita a abordar as dimensões técnica e ecológica dessas práticas. Conforme Marinho (2008), é essencial integrar questões críticas e reflexivas ao ensino dessas práticas, promovendo discussões sobre desigualdades sociais, uso do espaço público e sustentabilidade, temas que a BNCC (2018) trata ainda de forma superficial.

Outro ponto crítico é a ausência de orientações claras para que os professores articulem os conteúdos com os interesses e realidades dos estudantes. Segundo Saviani (2020), uma educação crítica deve ser capaz de dialogar com o contexto histórico e social dos alunos, promovendo uma formação cidadã e consciente. Ao ignorar essa necessidade, a BNCC perde a oportunidade de transformar as práticas corporais de aventura em instrumentos pedagógicos que contribuam para a emancipação social.

Além disso, o enfoque limitado da BNCC favorece o tratamento das práticas corporais de aventura como eventos pontuais, desconectados de um projeto educativo mais amplo. Bracht (1999) critica essa fragmentação, afirmando que a educação física não deve ser reduzida a atividades isoladas, mas sim fazer parte de um processo contínuo de formação cultural e social.

Por fim, o potencial das práticas corporais de aventura para promover debates mais complexos e fomentar a consciência crítica e cidadã dos estudantes é negligenciado na BNCC. A integração de conteúdos dessa natureza ao currículo escolar deve ir além da mera vivência técnica e ecológica, abrangendo dimensões sociais e políticas, como sugere Freire (1996), que destaca a importância da educação como prática de liberdade e transformação social.



2.1 PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA A PARTIR DA ABORDAGEM CRÍTICO SUPERADORA-SUPERADORA E PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA

A abordagem crítico-superadora está profundamente fundamentada na Teoria Histórico-Crítica, ligada ao Materialismo Histórico Dialético, que propõe a emancipação dos indivíduos por meio de uma compreensão crítica das estruturas sociais. Para Saviani (1983), o propósito dessa abordagem é proporcionar ao indivíduo as ferramentas necessárias para "compreender as relações de poder e as condições sociais que o cercam", permitindo que ele critique e supere as desigualdades e opressões que enfrenta. Nesse sentido, Saviani sustenta que "somente uma educação crítica possibilita ao sujeito entender seu papel histórico e social" (Saviani, 1983, p. 59), promovendo um movimento de conscientização que resulta em uma postura reflexiva e ativa frente às realidades sociais.

A abordagem crítico-superadora propõe a compreensão das práticas corporais não apenas como atividades físicas realizadas de forma isolada, mas como expressões culturais e sociais com sentidos e significados. Para o Coletivo de Autores (1992), a Educação Física crítico-superadora busca "superar a prática alienada e tecnicista", oferecendo os conteúdos da Cultura Corporal que vão além do movimento pelo movimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 45). Dessa forma, as práticas corporais tornam-se um meio de compreender a sociedade e de desenvolver uma postura crítica sobre as imposições sociais.

Essa abordagem tem como objeto de estudo a Cultura Corporal, constituída pelos conteúdos jogo, ginástica, dança, lutas e esporte, sendo eles elementos que compõem a experiência corporal humana. Essa visão entende que o corpo e suas práticas não estão desvinculados do contexto social e histórico, mas, ao contrário, são profundamente influenciados por ele (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

As práticas corporais de aventura, como trilha, slackline e surfe, por exemplo, podem ser vistas como oportunidades para a reflexão crítica, já que envolvem o contato com a natureza e a superação de limites. Para Santos et al. (2017), essas atividades possibilitam o desenvolvimento de uma consciência crítica, que desperta nos participantes uma compreensão sobre si mesmos e sobre o ambiente ao seu redor, incentivando uma relação de respeito e responsabilidade com o meio ambiente. Além disso, o desenvolvimento do conteúdo práticas de aventura a partir da abordagem crítico-superadora permite que o estudante reflita sobre questões de sustentabilidade e preservação ambiental.

No contexto educacional, a intervenção pedagógica com o conteúdo Práticas Corporais de Aventura será fundamentada na Pedagogia Histórico- Crítica, proposta por Dermeval Saviani. Um dos conceitos centrais dessa pedagogia é o processo de apropriação do conhecimento, que se



estrutura em etapas, passando da sincrética para a sintética, em um movimento dialético de compreensão e reconstrução da realidade (SAVIANI, 2008).

Na primeira etapa, a síncrese refere-se ao primeiro contato do sujeito com um determinado conteúdo. Nesse momento, o conhecimento ainda está desestruturado, difuso e misturado, sem clareza ou organização. A Pedagogia Histórico-Crítica busca guiar o aluno para ultrapassar essa visão inicial do conteúdo até chegar à síntese, que representa um estágio de compreensão mais avançado do conhecimento.

Para chegar à síntese, o indivíduo passa pelas fases de análise e decomposição do objeto de estudo, reunindo as partes em uma visão global e organizada, resultando em um entendimento mais profundo e crítico do conteúdo (Saviani, 2008). Esse processo reflete o movimento dialético da Pedagogia Histórico-Crítica, promovendo a passagem do pensamento fragmentado para uma compreensão articulada e socialmente contextualizada do conhecimento.

Como teoria psicológica, utilizamos a Teoria Histórico-Cultural, que defende que o desenvolvimento psíquico humano é mediado socialmente e ocorre por meio da internalização das práticas culturais. O indivíduo não se desenvolve isoladamente, mas se transforma ao se apropriar dos sentidos e significados criados pela humanidade. Para Vygotsky (2007, p. 46), “O desenvolvimento psíquico humano só pode ser compreendido em seu processo histórico, ou seja, no contexto das relações sociais e culturais em que o indivíduo está inserido”.

A intervenção ocorreu com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, que se encontram na fase da adolescência, entre 12 e 18 anos. Nesse período, as atividades sociais e de aprendizagem ganham predominância, refletindo a busca por autonomia e identidade. Segundo a Teoria Histórico-Cultural, a atividade dominante ou atividade guia é predominantemente social, envolvendo a busca de independência e autonomia. “Na adolescência, ocorre um aprofundamento das relações interpessoais e o sujeito desenvolve uma maior consciência de si e do outro” (Bozhovich, 2002, p. 97).

A atividade dominante é aquela que, em cada etapa do desenvolvimento, desempenha um papel crucial no processo de formação psíquica do indivíduo. Segundo Leontiev (1978), essa atividade está relacionada às necessidades e interesses centrais de cada fase da vida, sendo um motor para as mudanças qualitativas no desenvolvimento. As crises de desenvolvimento, longe de serem negativas, representam momentos de reorganização psíquica. “Cada etapa do desenvolvimento é marcada por crises, que funcionam como alavancas para o surgimento de novas formas de comportamento e consciência” Leontiev, (1978, p. 123).

Portanto, a intervenção pedagógica com o conteúdo de Práticas Corporais de aventura, orientada pela abordagem crítico-superadora e sustentada pela Pedagogia Histórico-Crítica, possibilita uma educação que transcende a mera transmissão de conteúdos. Ela promove a



emancipação dos alunos ao capacitá-los para uma leitura crítica da realidade, permitindo-lhes compreender e transformar o mundo em que vivem.

3 PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURAS: SLACKLINE, TRILHA E BALANCE BOARD

Segundo Betti (1991), “as práticas corporais de aventura são um meio para a vivência de experiências intensas e desafiadoras, fundamentais para o desenvolvimento integral do aluno” (p. 79). Dentre as diversas práticas corporais de aventura existentes, selecionamos três para aprofundar em nossa unidade didática, sendo elas o slackline, o surf e a trilha.

O slackline é uma prática corporal de aventura que surgiu nos anos 1980, nos Estados Unidos, como uma atividade complementar para escaladores, seus momentos de descanso ou que o tempo estava inapropriado para a prática da escalada, esses esportistas utilizavam fitas de náilon para treinar equilíbrio e estabilidade, criando o que mais tarde se tornaria uma modalidade esportiva própria.

Segundo Masseto e Moretti (2013, p. 112), “o slackline representa o encontro entre criatividade, técnica e o desafio de superar limites físicos e mentais.” A prática, inicialmente restrita a grupos específicos, cresceu em popularidade, especialmente com o surgimento de modalidades como o *trickline*, envolvendo manobras acrobáticas e *highline*, praticado em alturas elevadas.

Ao longo dos anos, o slackline passou a ser utilizado em ambientes educacionais e de lazer. Segundo Pereira (2013), “a prática passou a se expandir para além dos círculos de escaladores, sendo introduzida em espaços urbanos e academias, e ganhando adeptos em diversos países” (p. 58). Os autores Souza e Freitas (2016), “o slackline é uma prática corporal de aventura que possibilita o desenvolvimento de habilidades físicas e emocionais, sendo uma ferramenta pedagógica inovadora” (p. 112).

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 45), “a educação física deve possibilitar a apropriação crítica dos conteúdos da cultura corporal”. Assim, o slackline pode ser introduzido como uma prática corporal que promove o equilíbrio e a reflexão crítica sobre a cultura corporal, considerando sua prática em diferentes contextos sociais.

Na Educação Física Escolar, o slackline oferece oportunidades para integrar teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Essa prática estimula habilidades como equilíbrio, coordenação motora e concentração, além de promover valores como a superação de desafios e o trabalho em equipe (Bungenstab et al., 2017). Além disso, ao abordar o slackline no contexto escolar, os professores podem explorar conteúdos relacionados à história do esporte, suas diferentes modalidades e a importância da preservação ambiental, conectando a prática ao cotidiano dos alunos.



A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a necessidade de diversificar os conteúdos da Educação Física, incentivando a inclusão de práticas corporais de aventura no currículo. Segundo o documento, “as práticas corporais devem ser abordadas de forma que considerem as diferentes realidades culturais e ambientais, promovendo experiências significativas” (Brasil, 2018, p. 320).

Por fim, o uso do slackline na Educação Física Escolar é uma forma de aproximar os alunos do conhecimento sobre as práticas corporais, valorizando a criatividade e a interação com a natureza. Saviani (2020) ressalta que, "a prática educativa deve ser um espaço de emancipação, em que os alunos compreendam o mundo ao seu redor de forma crítica e transformadora."

As trilhas fazem parte das práticas corporais de aventura, são atividades que promovem interação com a natureza e a vivência de desafios que combinam esforços físicos, mentais, e também as interações com outros indivíduos. De acordo com González, Darido e Oliveira (2014), as trilhas podem ser exploradas como práticas pedagógicas que vão além do condicionamento físico, promovendo vivências culturais e sociais.

Marinho (2008, p.189) concorda com a implementação do conteúdo trilhas, nas aulas de Educação Física e afirma que "as trilhas, ao promoverem o deslocamento em ambientes naturais, favorecem a percepção do espaço físico e o reconhecimento das relações socioambientais que o configuram." .

Betrán (1995) destaca que as trilhas integram um contexto sociocultural, pois resgatam práticas humanas ancestrais de deslocamento e exploração do território. Essas atividades podem ser vistas como uma volta a suas origens e afastamento das áreas urbanas, criando oportunidades de reconexão com a natureza.

A prática de trilhas também se relaciona com a conscientização ambiental, os autores Dumazedier (1973) e Marinho (2008) afirmam que as trilhas podem contribuir para a formação de uma ética ambiental, incentivando a preservação dos ecossistemas visitados. Além disso, favorecem reflexões sobre o impacto humano na natureza, desenvolvendo nos praticantes uma consciência crítica sustentável.

As trilhas ajudam a compreender as relações de poder e exploração ambiental, levando os estudantes a refletirem sobre o papel humano na construção e preservação do meio ambiente. As práticas corporais de aventura, como as trilhas, podem ser abordadas de maneira crítica, possibilitando aos estudantes questionar as relações de exploração da natureza e propor alternativas sustentáveis.

Dentre os benefícios na prática da trilha gostaríamos de destacar melhora no condicionamento cardiovascular e a resistência; estimula orientação espacial e resolução de

problemas, proporciona momentos de contemplação e relaxamento, aliviando o estresse; incentivam a consciência crítica sobre o cuidado e a responsabilidade com a natureza.

O surfe é considerado uma das mais antigas práticas corporais de aventura. De acordo com Amorim e Toledo (2001, p. 12), "o surfe consiste em deslizar sobre as ondas utilizando uma prancha, sendo uma prática que une habilidade, equilíbrio e conexão com a natureza". Sua origem remonta às antigas civilizações havaianas, onde era não apenas uma atividade recreativa, mas também um elemento cultural e espiritual. Segundo Betrán (1995, p. 6), "o surfe é mais do que uma prática esportiva; é um modo de interação com o ambiente que remonta a rituais ancestrais ligados à relação homem-natureza."

Com o passar do tempo, o surfe evoluiu sendo difundido pelo mundo durante o século XX, especialmente nas praias da Califórnia e da Austrália. De acordo com Marinho (2008, p. 190), "a expansão do surfe refletiu o movimento de apropriação das práticas naturais pela sociedade industrial, que viu no esporte uma forma de lazer e resistência ao cotidiano urbano."

Bungenstab et al. (2017) destacam que o surfe, quando incorporado ao contexto escolar, ultrapassa sua dimensão esportiva e se torna um meio para desenvolver valores socioculturais e ambientais. Sua prática possibilita aos alunos a compreensão do mar como um espaço de interação, lazer e aprendizado, incentivando a preservação ambiental e promovendo a inclusão social por meio da vivência com a natureza. Além disso, ao ser trabalhado na escola, o surfe pode promover debates sobre questões como a preservação ambiental, valorizando a conexão entre o esporte e os espaços naturais, ultrapassando a simples execução de movimentos, permitindo que os estudantes reflitam sobre as implicações culturais e ecológicas das práticas corporais de aventura.

A inclusão de conteúdos como o surfe na escola está alinhada aos princípios de uma educação crítica, onde o aluno é levado a refletir sobre o meio ambiente e seu papel na sociedade. Dessa forma, o surfe transcende sua dimensão esportiva, possibilitando a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as transformações sociais e com a sustentabilidade ambiental.

4 PERCURSO INVESTIGATIVO

4.1 UNIVERSO DA PESQUISA

A Escola esta situada em Tibau do Sul - Rio Grande do Norte, devido à sua localização, é considerada uma Escola do Campo. A instituição atende aproximadamente 200 alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio, funcionando nos turnos matutino e vespertino.

Em relação à infraestrutura, a escola conta com quatro salas de aula, sala de professores, sala de recursos multifuncionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, biblioteca, sala de secretaria, despensa e refeitório. No entanto, um dos desafios enfrentados na



oferta das atividades escolares, especialmente na Educação Física, é a falta de espaços adequados para a prática da educação física.

O único local disponível para a realização das aulas de Educação Física é um campo de futebol da comunidade, localizado atrás da escola. Embora esse espaço proporcione um ambiente ao ar livre, sua estrutura limita as possibilidades de trabalhar os conteúdos da Cultura Corporal. Além disso, a escassez de materiais pedagógicos específicos dificulta a realização de atividades variadas, restringindo a prática e dificultando ministrar aulas dos conteúdos jogos, ginástica, lutas, esportes, danças e práticas corporais de aventura.

O trabalho docente precisa ser desenvolvido em espaço e com materiais adequados, sabendo que o trabalho objetivo constroi o sujeito subjetivamente Lindoso (2017), ainda sobre isso, Menezes (2010) argumenta:

“Não é possível educar e cuidar em situação precária. Ensinar e aprender demandam espaços que possibilitem, além de estudar e discutir valores, questionar, sugerir e assumir compromissos. Só é possível formar cidadãos nos mais diferentes espaços em que circulam conhecimentos e saberes. É preciso promover experiências com as diferentes linguagens/espaços: a arte em geral, a literatura, a música, o cinema, o teatro, a pintura, os museus, as bibliotecas. Dessa forma, estaremos humanizando e compreendendo o sentido da vida para além da dimensão didática (Menezes, 2010, p.10).”

Diante dessa realidade, é fundamental pensar em estratégias pedagógicas que busquem adaptar o ensino da Educação Física ao contexto da escola, explorando recursos alternativos, novas metodologias e práticas que valorizem a cultura corporal dos alunos, respeitando suas condições e necessidades.

4.2 PARTICIPANTES

A população estudada foi composta pelos alunos matriculados no 9º ano do ensino fundamental anos finais, de ambos os sexos, feminino e masculino, na faixa etária de 14 a 18 anos.

4.3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia da pesquisa foi a de pesquisa-ação, que se trata de uma pesquisa social que pretende superar um problema coletivo no qual os sujeitos envolvidos na pesquisa colaboram entre si na busca da resolução. Severino (2007, p. 120) afirma que:

“A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa [a] intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levam a um aprimoramento das práticas analisadas”



Na pesquisa-ação “[...] é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação”. (THIOLLENT, 1986, p.19)

A pesquisa ação é de abordagem qualitativa, pois ela “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2009). A pesquisa qualitativa não se baseia em números para garantir sua representatividade, uma amostragem boa é a que abrange o total do problema investigado em suas dimensões (Minayo, 1992).

Para obter uma visão geral da temática do nosso trabalho vamos fazer uma revisão de literatura, que de acordo com Severino (2007, p.131) deve:

“Expor os referenciais teórico-metodológicos, ou seja, os instrumentos lógico-categoriais nos quais se apoia para conduzir o trabalho investigativo e o raciocínio. Trata-se de esclarecer as várias categorias que são utilizadas para dar conta dos fenômenos a serem abordados e explicados”.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para a realização desta pesquisa, foi realizado um processo criterioso de seleção dos participantes, garantindo que o grupo representasse adequadamente os objetivos do estudo. O recrutamento foi feito com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, que participaram voluntariamente da intervenção pedagógica. Antes do início das atividades, os estudantes foram informados sobre os propósitos da pesquisa e assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, conforme preconiza a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece diretrizes para pesquisas com seres humanos. A intervenção teve duração total de sete semanas, com um total de 16 aulas de Educação Física, distribuídas da seguinte forma:

- Primeira semana: apresentação dos objetivos da pesquisa e aplicação do questionário inicial;
- Segunda semana: abordagem teórica sobre a história das práticas corporais de aventura e sua classificação;
- Terceira e quarta semanas: reflexão e prática sobre o slackline;
- Quinta semana: introdução ao surfe e balance board, explorando seus aspectos técnicos e sociais;
- Sexta semana: atividade prática de trilha no Santuário Ecológico, promovendo contato direto com a natureza;
- Sétima semana: aplicação do questionário final para análise dos impactos da intervenção.

O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário de perguntas abertas. Segundo Parasuraman (1991), o questionário é um conjunto de questões elaboradas com o objetivo de



fornecer os dados essenciais para se atingir os propósitos de uma pesquisa. Esse instrumento foi aplicado em dois momentos: no início da intervenção, para identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre as práticas corporais de aventura, e ao final, para analisar a evolução do pensamento dos participantes. A partir da abordagem da Pedagogia Histórico-Crítica, buscamos verificar se os alunos avançaram do conhecimento sincrético para o conhecimento sintético (Saviani, 2008), evidenciando uma compreensão mais crítica e contextualizada dos conteúdos trabalhados.

4.5 PROCEDIMENTO PARA ARMAZENAMENTO DE DADOS

Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo, físico ou digital, sob guarda e responsabilidade da pesquisadora responsável, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Para garantir uma maior segurança quanto ao armazenamento dos dados coletados, adotaremos um uso de um programa de antivírus em um computador reservado para a pesquisa. Todos os arquivos serão guardados e atualizados em um drive virtual durante toda a pesquisa.

4.6 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada com base na pesquisa descritiva, abordagem metodológica que tem como finalidade caracterizar, registrar, analisar e interpretar os fatos observados, sem a intenção de interferir ou modificar a realidade estudada. Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 37), a pesquisa descritiva “tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Esse tipo de pesquisa é usada quando se pretende compreender, com profundidade, aspectos específicos de uma realidade concreta, neste caso, as Práticas Corporais de Aventura desenvolvidas no contexto escolar, a partir da intervenção pedagógica realizada com estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Através da observação sistemática e da coleta de dados por meio de registros escritos e relatos dos alunos, buscou-se captar como esses sujeitos compreendem e vivenciam tais práticas no ambiente escolar.

A análise descritiva permitiu organizar os dados a partir de categorias analíticas previamente estabelecidas com base no referencial teórico, como: esportes de aventura, práticas corporais de aventura e classificação das práticas corporais de aventura. A essas, somaram-se as categorias empíricas, que emergiram durante o processo investigativo, expressando as percepções, interpretações e experiências dos alunos com as atividades propostas.

Essa metodologia possibilitou uma leitura reflexiva e interpretativa das informações coletadas, permitindo estabelecer relações entre os dados empíricos e os fundamentos teóricos discutidos ao longo da pesquisa. Desse modo, foi possível compreender os impactos pedagógicos



das Práticas Corporais de Aventura no processo de ensino-aprendizagem, com base em uma abordagem fundamentada e coerente com os objetivos da investigação.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos ao longo da intervenção pedagógica realizada com os alunos detalhando o percurso de construção do conhecimento sobre as Práticas Corporais de Aventura. A partir da análise das atividades desenvolvidas em cada semana, buscamos compreender como os estudantes evoluíram em relação à apropriação dos conceitos, à vivência prática e às reflexões sobre o tema.

A abordagem metodológica adotada seguiu uma estrutura organizada em diferentes momentos de ensino-aprendizagem, contemplando a problematização, instrumentalização e catarse dos conhecimentos adquiridos. Em cada semana, foram propostas atividades teóricas e práticas que possibilitaram a experimentação, o debate e a construção coletiva do saber, proporcionando aos alunos um envolvimento progressivo com os conteúdos.

Inicialmente, foram aplicados questionários diagnósticos, que permitiram identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as práticas corporais de aventura. Em seguida, a unidade de ensino abordou a história, classificação e vivências práticas dessas atividades, relativas às temáticas Slackline, Balance Board, Surf e Trilhas. Além disso, reflexões sobre a relação entre as práticas corporais e o meio ambiente foram estimuladas, favorecendo um olhar mais crítico e contextualizado sobre o tema.

A partir da análise dos dados coletados, os resultados foram organizados em categorias e subcategorias que refletem as diferentes dimensões do aprendizado dos alunos. Essas categorias incluem história e contextualização, evidenciando como os estudantes passaram a compreender a origem e a evolução das práticas corporais de aventura; conceito, demonstrando como eles definem e interpretam as modalidades trabalhadas; classificação e estrutura, destacando a organização das atividades em diferentes ambientes (terrestre, aquático e aéreo); e sentido e significado, explorando as percepções dos alunos sobre a importância dessas práticas para a formação cidadã e a preservação ambiental.

Ao longo da intervenção, foi possível observar a evolução dos estudantes, tanto no domínio dos conceitos quanto na participação ativa durante as aulas. O envolvimento com as práticas corporais de aventura promoveu não apenas o desenvolvimento de habilidades motoras, como equilíbrio, coordenação e propriocepção, mas também a reflexão crítica sobre os aspectos culturais e sociais dessas atividades. Além disso, desafios e limitações enfrentados durante as aulas foram analisados, contribuindo para a compreensão das possibilidades e dificuldades de implementação desse conteúdo no contexto escolar.



Quadro 01: Elementos sincréticos

Características das categorias	Unidade de contexto	Unidade de registro
História e Contextualização	Entendimento acerca das Práticas Corporais de Aventura	Aventura
		Nada
Conceito	Conhecimento sobre o Slackline, surf (balance board) e trilha	A trilha é um tipo de pequena viagem perto das montanhas.
		Uma caminhada
Conceito	Nome de Prática Corporal de Aventura conhecida pelo aluno	Surf
Classificação e Estrutura	Categorias das Práticas Corporais de Aventura	Não sei
Sentido e significados	Compreensão sobre a preservação do Meio ambiente	Preservar o meio ambiente é muito importante para a saúde de nós humanos, ter um ambiente sem poluição.
Sentido e significado	Relação da temática práticas Corporais de Aventura com a preservação do Meio Ambiente	Cuidar do meio ambiente

Fonte: Autores.



No que diz respeito às classificações dentro do primeiro quadro, podemos perceber a partir das unidades de contexto que o conhecimento dos alunos acerca das Práticas Corporais de Aventura, ainda é um conhecimento inicial, fragmentado e desorganizado;

Na primeira categoria História e Contextualização, os alunos registram suas primeiras percepções sobre o surgimento e a evolução das práticas corporais de aventura. Segundo Saviani (2008), essa etapa inicial corresponde à fase sincrética, em que o conhecimento é difuso. Essa fase serve como base para que, posteriormente, os alunos possam aprofundar e sistematizar seu entendimento acerca das Práticas Corporais de Aventura.

Ao serem questionados sobre o conceito das Práticas Corporais de Aventura, os alunos demonstraram dificuldades em definir as práticas que seriam abordadas ao longo da unidade didática. Eles não conseguiram conceituar corretamente atividades como o slackline, o surf, o balance board e a trilha. As respostas evidenciaram que eles não possuíam um conhecimento prévio estruturado sobre essas práticas, esse resultado sugere que as práticas corporais de aventura ainda são pouco exploradas no contexto escolar, o que pode ser reflexo da ausência desse conteúdo nos currículos tradicionais de Educação Física. Segundo Marinho (2006), as práticas corporais de aventura se diferenciam dos esportes tradicionais por suas características inovadoras, a relação direta com o meio ambiente e a necessidade de habilidades motoras específicas. No entanto, quando esse conhecimento não é sistematizado no ambiente escolar, os estudantes podem ter dificuldades em compreender seus fundamentos.

A compreensão da categorização das práticas corporais de aventura em modalidades (terrestres, aquáticas e aéreas) é fundamental para que os alunos compreendam as relações culturais, sociais e ambientais que moldam essas atividades. No entanto, as respostas dos estudantes indicaram uma dificuldade em classificar corretamente essas modalidades, demonstrando um conhecimento inicial fragmentado sobre a temática.

Na categoria Sentidos e significados, as respostas dos alunos evidenciaram que a dimensão do significado das práticas corporais de aventura foi associada principalmente à preservação ambiental e ao cuidado com o meio ambiente. A Pedagogia Histórico-Crítica enfatiza que a educação deve promover não só o desenvolvimento cognitivo, mas também a formação ética e cidadã, preparando os alunos para atuar de forma crítica e transformadora na sociedade (Freire, 1996; Saviani, 2008).

5.1 QUADRO 02 – ELEMENTOS SINTÉTICOS

O quadro apresenta o percurso de construção do conhecimento dos alunos a partir de suas respostas, oferecendo uma visão das dimensões histórica, conceitual, classificatória e dos sentidos e significados acerca das práticas corporais de aventura. Essa estrutura permite observar a evolução



dos alunos ao longo da unidade de ensino, demonstrando como a vivência e a reflexão contribuem para a ampliação de seus conhecimentos sobre essas atividades.

Categoria “História e contextualização”, nesta, os alunos expressam seu conhecimento sobre a origem e a evolução das práticas corporais de aventura, relacionando-as à interação do ser humano com a natureza. Por exemplo, eles mencionam que essas práticas surgiram a partir da necessidade de se reconectar com ambientes naturais e, historicamente, estão associadas à sobrevivência e à exploração.

Na categoria “Conceito”, os alunos descrevem as modalidades (como Slackline, Surf, Balance Board e Trilha). As respostas apontam para uma compreensão das características dessas atividades, evidenciando como cada modalidade é percebida em termos de movimento, equilíbrio e desafio.

A categoria “Classificação e estrutura” das Práticas Corporais de Aventura, de acordo com o ambiente (terrestre, aquático e aéreo), são fundamentais para que os estudantes passem de uma visão fragmentada para uma compreensão integrada e contextualizada, permitindo-lhes perceber as relações sociais e culturais relacionadas às Práticas Corporais de Aventura. Bracht (1999) enfatiza que uma educação física crítico-superadora deve problematizar não apenas a execução técnica dos movimentos, mas também a sua inserção social e histórica, possibilitando uma leitura mais profunda das práticas corporais.

Na categoria "Sentido e Significados", os alunos refletem sobre a importância da preservação do meio ambiente e reconhecem que as práticas de aventura podem contribuir para uma relação mais ética e responsável com a natureza. Essa percepção evidencia dois aspectos fundamentais: de um lado, o sentido histórico e socialmente construído dessas atividades, que são influenciadas por valores culturais e práticas coletivas ao longo do tempo; de outro, o significado individual atribuído pelo praticante, que se relaciona com suas experiências pessoais e emoções vivenciadas durante a prática.

Dessa forma, a evolução dos alunos ao longo da unidade de ensino evidencia a importância desse processo de ensino e aprendizagem, permitindo que eles avancem de uma visão inicial fragmentada para uma compreensão mais profunda e crítica das práticas corporais de aventura. Ainda há pontos que podem ser aprimorados, como o aprofundamento nas discussões sobre as relações dessas práticas na sociedade, a ampliação do repertório de atividades exploradas e a consolidação do conhecimento adquirido por meio de reflexões mais elaboradas e fundamentadas teoricamente.



Quadro 02 – Elementos sintéticos

Características das categorias	Unidade de contexto	Unidade de registro
História e Contextualização	Surgimento das práticas corporais de Aventura	Surgiu a partir de uma relação do ser humana com a natureza
		Surgiram com a sobrevivência e exploração
História e Contextualização	Entendimento acerca das Práticas Corporais de Aventura	É uma aula fora da escola onde você faz aventuras como a trilha.
		São atividades físicas que se praticam em espaços como a natureza.
Conceito	Conhecimento sobre o Slackline, surf, balance board e trilha	É uma aventura onde tem uma corda esticada e a pessoa tem que passar equilibrando.
		É uma prancha que precisa de força, equilíbrio e concentração.
		É uma prática corporal de aventura que consiste em caminhar em trilhas naturais.
Conceito	Nome de Prática Corporal de Aventura conhecida	Escalada e surf
		Trekking e mountain bike
Classificação e Estrutura	Categorias das Práticas Corporais de Aventura	Não sei



Sentido e significados	Compreensão sobre a preservação do Meio ambiente	<p>É fundamental para a sobrevivência de todas as formas de vida.</p> <p>A Importância é para a saúde dos animais, plantas e melhorar o nosso bem estar.</p>
Sentido e significado	Relação da temática práticas Corporais de Aventura com a preservação do Meio Ambiente	Os praticantes de aventura preservam o meio ambiente.
		As pessoas que praticam as atividades de aventura podem ter uma relação mais estreita e responsável com o meio ambiente.

Fonte: Autores.

Por sua vez, o Quadro 02 trata-se do percurso de construção do conhecimento dos alunos, a partir de suas respostas, oferecendo uma visão integrada das dimensões histórica, conceitual, classificatória e dos sentidos e significados acerca das práticas corporais de aventura. De acordo com a Pedagogia Histórico-Crítica, o processo de aprendizagem se desenvolve de forma dialética, passando do conhecimento sincrético (inicial, fragmentado e global) para o conhecimento sintético (mais estruturado, crítico e contextualizado) (Saviani, 2008). Nesse sentido, o quadro 02 pode ser interpretado como um registro do estágio em que os alunos começam a articular e sistematizar suas primeiras impressões e experiências sobre as práticas corporais de aventura já que anteriormente os alunos desconheciam essas práticas. A seguir vamos discutir melhor a categorização das categorias.

Na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, a apropriação do conhecimento ocorre em um movimento dialético, partindo de uma compreensão inicial fragmentada (sincrética) para uma compreensão mais articulada e crítica (sintética) (Saviani, 2008). No entanto, ao analisar as respostas dos alunos sobre o surgimento das Práticas Corporais de Aventura, percebe-se que nem todos conseguiram avançar significativamente nesse processo.

As respostas revelam uma percepção ainda difusa e não sistematizada da origem das Práticas Corporais de aventura. Alguns alunos indicaram relações superficiais com a sobrevivência e a exploração do meio ambiente, enquanto outros mencionaram a interação do ser humano com a natureza, mas sem uma análise crítica ou histórica mais aprofundada:



Aluno 1: "Surgiram com a sobrevivência e exploração."

Aluno 2: "Surgiu a partir de uma relação do ser humano com a natureza."

Essas respostas sugerem que o conhecimento histórico sobre essas práticas ainda se encontra em um nível sincrético, ou seja, baseado em impressões globais e desarticuladas (Saviani, 2008). Para que os alunos possam evoluir para uma compreensão sintética e crítica, é essencial que o ensino problematize e contextualize historicamente o conteúdo, relacionando-o com as condições sociais que possibilitaram o surgimento dessas práticas.

Freire (1996) destaca que a problematização é um eixo central para a transformação do conhecimento, permitindo que os alunos avancem de uma assimilação passiva para uma apropriação ativa e reflexiva. Isso implica que o professor deve atuar como mediador do conhecimento, conduzindo os estudantes a analisarem criticamente os fatores históricos, sociais e culturais que influenciaram a constituição das Práticas Corporais de Aventura.

Quando questionados sobre o que eles entendem por Práticas Corporais de Aventura, tivemos as seguintes respostas:

Aluno 3: "É uma aula fora da escola onde você faz aventuras como a trilha".

Aluno 4: "É uma aula que sai para fora da escola para se praticar com o corpo e fazer várias aventuras".

Aluno 5: "Práticas corporais de aventura entendi que você têm que preservar a natureza".

Dentre as respostas dos alunos a que mais se destacou foi a que as Práticas Corporais de aventura acontecem fora da escolas e o autor Marinho (2006), destaca que as práticas corporais de aventura são experiências que ocorrem fora do ambiente escolar tradicional, permitindo vivências corporais diferenciadas e o contato com a natureza. "As atividades de aventura são caracterizadas pela interação com o ambiente natural e pela busca de desafios e superação de limites." (Marinho, 2006, p. 7)

Outra resposta em destaque é a associação dessas praticam com a preservação da natureza para Bruhns (2003) as Práticas Corporais de aventura relacionam-se com a sensibilização ambiental e a necessidade de preservar a natureza. "O contato direto com a natureza por meio das práticas corporais de aventura possibilita a ressignificação das relações entre o ser humano e o meio ambiente, incentivando *valores de preservação e sustentabilidade*." (Bruhns, 2003, p. 42). Nessa categoria percebemos um avanço significativo no conhecimento dos alunos, no início da unidade didáticas eles se que conheciam as Práticas Corporais de Aventura e ao final conseguiram conceituar e fazer associações com essas práticas.

Na categoria Conceito os estudantes começam a definir de forma mais clara as atividades, identificando, por exemplo, o que é o slackline, o surf, o balance board e a trilha. Esse processo de apropriação dos conceitos reflete um conhecimento mais estruturado.



Quando questionados sobre a Práticas Corporais realizadas no decorrer da Unidade didática, os alunos conseguiram defini-las:

Aluno 6: “É uma aventura onde tem uma corda esticada e a pessoa tem que passar equilibrando”.

Aluno 7: “É uma prática que envolve se equilibrar em uma fita”.

Aluno 8: “Onde você coloca uma prancha em cima de um tubo pra se equilibrar.”

Aluno 9: “O balance board tem que equilibrar para não cair.”

Aluno 10: “É uma caminhada demarcada e mantida em ambientes naturais.”

Aluno 11: “É uma prática corporal de aventura que consiste em caminhar”.

Diante das respostas apresentadas, podemos perceber que os alunos conseguiram captar elementos básicos das práticas corporais de aventura, especialmente no que se refere à necessidade de equilíbrio e ao ambiente onde são realizadas. No entanto, as definições ainda precisam ser ampliadas para abarcar aspectos como os desafios enfrentados, os benefícios físicos e emocionais e a importância dessas práticas para a cultura corporal de movimento.

Vygotsky (2007) destaca que o desenvolvimento psíquico é mediado socialmente e, portanto, a interação com práticas culturais é essencial para a internalização de conceitos. Nesse contexto, a compreensão do que cada modalidade representa torna-se um caminho para a crítica e a reconstrução do saber.

A categoria “Classificação e estrutura” tinha como objetivo verificar se os alunos conseguiam categorizar as práticas corporais de aventura de acordo com seus ambientes (terrestre, aquático ou aéreo) e sua organização estrutural. No entanto, ao analisar as respostas, observou-se que os alunos demonstraram dificuldades em estabelecer essa categorização, indicando que o conhecimento sobre a estrutura das práticas ainda se encontrava em um nível sincrético. A ausência de respostas coerentes ou mesmo a falta de qualquer categorização evidencia a necessidade de um aprofundamento teórico maior e de estratégias pedagógicas que auxiliem os estudantes a compreenderem a sistematização dessas práticas dentro da Cultura Corporal.

Um aspecto central da Pedagogia Histórico-Crítica é a formação de sujeitos críticos e conscientes das relações de poder e das dinâmicas sociais. As respostas que evidenciam a importância da preservação ambiental e a valorização dos aspectos sociais das práticas de aventura indicam que os alunos estão iniciando um processo de internalização de valores. Esse movimento dialético, que vai do conhecimento sincrético ao sintético, é essencial para que o aluno não apenas compreenda os conteúdos, mas também se torne capazes de criticar e transformar a realidade em que está inserido (Freire, 1996; Saviani, 2008). Bungenstab et al. (2017) acrescentam que as práticas corporais de aventura, ao serem vivenciadas, podem estimular a reflexão ética e o desenvolvimento de valores, promovendo uma relação de respeito e responsabilidade com o meio ambiente.



Além disso, a abordagem crítico-superadora propõe que a educação não se limite à transmissão de conteúdos mecânicos, mas que se transforme em um espaço de emancipação, onde os alunos aprendam a identificar e questionar as imposições sociais, contribuindo para a construção de uma consciência crítica (Freire, 1996; Saviani, 2008). Assim, o desenvolvimento de valores torna-se intrínseco à prática pedagógica, ampliando a dimensão social e cultural do conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as práticas corporais de aventura no ensino da Educação Física escolar, buscando compreender sua relevância pedagógica e seu impacto na formação dos alunos. A partir da intervenção realizada com uma turma do 9º ano do ensino fundamental, foi possível constatar que a abordagem das práticas corporais de aventura promoveu uma ampliação significativa do repertório cultural dos estudantes, além de estimular reflexões sobre a relação entre natureza e sociedade.

Os resultados indicam que os alunos evoluíram de uma compreensão inicial fragmentada para um conhecimento mais estruturado e crítico sobre as práticas corporais de aventura. Durante as atividades, puderam experimentar novos desafios, desenvolvendo habilidades motoras como equilíbrio, coordenação, força e controle corporal, ao mesmo tempo em que fortalecera valores como cooperação, superação, trabalho em equipe e respeito à natureza. Esses aspectos demonstram que a inserção dessas práticas no currículo escolar amplia as possibilidades de vivência dos alunos, permitindo que eles explorem diferentes formas de movimento e compreendam o significado sociocultural das atividades de aventura.

A aplicação da Pedagogia Histórico-Crítica foi fundamental para que os alunos não apenas vivenciassem as atividades, mas também refletissem sobre sua importância social e cultural. A estruturação das aulas em momentos de problematização, instrumentalização e síntese possibilitou um ensino mais significativo, no qual os estudantes participaram ativamente do processo de construção do conhecimento, relacionando suas experiências com o contexto histórico e social das práticas corporais de aventura. Essa abordagem permitiu que os alunos percebessem que tais práticas não são apenas formas de lazer ou esportes radicais, mas elementos da cultura corporal, com influências históricas e impactos na relação do ser humano com o meio ambiente.

No entanto, alguns desafios foram identificados, como a falta de infraestrutura adequada para a realização de algumas práticas e a interferência de fatores externos no ambiente de ensino, especialmente nas atividades realizadas em espaços públicos. Esses aspectos reforçam a necessidade de políticas educacionais que valorizem e ampliem as condições para o ensino das práticas corporais de aventura na escola, garantindo aos alunos um ambiente seguro e estruturado para essas vivências. Além disso, a escassez de materiais específicos e a predominância de uma



cultura escolar ainda centrada nos esportes tradicionais dificultam a inserção dessas práticas no currículo de forma mais sistematizada.

Diante dos achados da pesquisa, conclui-se que a inclusão das práticas corporais de aventura na Educação Física escolar contribui para a formação crítica dos alunos, indo além da dimensão técnica e promovendo um olhar mais crítico e consciente sobre o corpo, o movimento, a natureza e a cultura. Além disso, essa metodologia permite que os estudantes compreendam os desafios e responsabilidades envolvidos na prática dessas atividades, incluindo aspectos relacionados à segurança, preservação ambiental e acessibilidade.

Por fim, recomenda-se que novas investigações sejam realizadas para aprofundar o tema e expandir as possibilidades de ensino das práticas corporais de aventura no contexto escolar. Estudos futuros podem explorar estratégias para adaptar essas atividades a diferentes realidades escolares, bem como avaliar o impacto dessas práticas na formação dos alunos em longo prazo. Dessa forma, será possível consolidar o ensino das práticas corporais de aventura como um componente essencial da Educação Física, assegurando que mais alunos tenham acesso a essas experiências enriquecedoras e transformadoras.



REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). Educação e diversidade cultural. São Paulo: Cortez, 2017.

AMORIM, João; TOLEDO, Mauro. Surfe: história, técnica e prática. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

ARMBRUST, Ivan; SILVA, Marcos Paulo da. A cultura corporal como conteúdo da educação física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 29, n. 2, p. 281-294, 2007.

ARMBRUST, Ivan; LAURO, Flávio Augusto de Andrade. Skate e suas possibilidades educacionais: proposta metodológica. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 799-807, jul./set. 2010. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br>. Acesso em: mar. 2024.

BETTI, Mauro. Educação Física e cultura: questões de ordem epistemológica. Campinas: Autores Associados, 1991.

BETRÁN, José Oliveira. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. Apunts: Educación Física y Deportes, Barcelona, n. 41, p. 5-8, 1995.

BETRÁN, José Oliveira. Atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (org.). Turismo, lazer e natureza. Barueri: Manole, 2003. p. 153-170.

BOZHOVICH, Lídia Ivanovna. A personalidade e sua formação na idade infantil. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRACHT, Valter. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, Valter. A Educação Física escolar como prática pedagógica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 20, n. 2, p. 21-27, 1999.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física no Brasil. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BRUHNS, Heloisa Turini. A busca da natureza: turismo, lazer e aventura. Campinas: Papirus, 2003.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho et al. Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 30-45, 2017.

CANTORANI, José Roberto Herrera; PILATTI, Luiz Alberto. Atividades de aventura na natureza: reflexões conceituais. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 16, n. 2, p. 153-160, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marcio Augusto da. Educação Física e cultura corporal de movimento. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 33, n. 1, p. 119-134, 2011.



FRANÇA, Renata; DOMINGOS, Leandro. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades pedagógicas. *Revista Educação Física em Debate*, v. 5, n. 2, p. 75-89, 2023.

FRANCO, Marcio; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura na Educação Física escolar. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 95-108, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. *Educação Física no ensino fundamental*. Maringá: Eduem, 2014.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte, 1978.

LINDOSO, Rosangela Celly Branco. *Trabalho docente e formação humana*. Natal: EDUFRN, 2017.

MARINHO, Alcyane. *Atividades na natureza, lazer e educação ambiental*. Campinas: Papirus, 2008.

MARINHO, Alcyane. Atividades de aventura e educação física escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 18, n. 26, p. 1-12, 2006.

MASSETO, Marcos; MORETTI, Sérgio. *Práticas corporais de aventura*. São Paulo: Phorte, 2013.

MENEZES, Ana Maria. *Educação, cuidado e humanização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009.

PARASURAMAN, A. *Marketing research*. Reading: Addison-Wesley, 1991.

PEREIRA, Rodrigo. *Slackline: história e possibilidades pedagógicas*. São Paulo: Phorte, 2013.

SANTOS, Wagner dos et al. Práticas corporais de aventura e consciência ambiental. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 451-464, 2017.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1983.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.



SOUZA, Diego; ARAÚJO, João. Práticas corporais de aventura: conceitos e classificações. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 255-268, 2016.

SOUZA, Diego; FREITAS, André. Slackline na Educação Física escolar. Revista Pensar a Prática, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 108-120, 2016.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1986.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

